



ÍNDIA

Combustível de avião foi cortado antes de queda

Relatório preliminar da investigação sobre desastre do Boeing 787-7 Dreamliner da Air India aponta interrupção no fornecimento de querosene para as duas turbinas. Pilotos perceberam o problema, revela gravação de voz da cabine

» RODRIGO CRAVEIRO

Um relatório inicial de 15 páginas elaborado pela equipe de investigadores concluiu que o desligamento de interruptores para fornecimento de combustível das turbinas, durante a decolagem, teria causado o maior desastre aéreo da história da Índia, matando 260 pessoas. O problema com o Boeing 787-8 Dreamliner da empresa Air India, que fazia a rota Ahmedabad a Londres, com 230 passageiros e 12 tripulantes, ocorreu em fração de 0,1 segundo. Dezenove pessoas morreram em terra, após o avião cair sobre um alojamento de médicos, a poucos quilômetros do aeroporto de Ahmedabad. Um passageiro sobreviveu.

De acordo com o relatório, às 8h08 (Hora local) de 12 de junho, o voo AI171 alcançou sua velocidade máxima na decolagem — de 333km/h. Pouco depois, os interruptores de corte de combustível dos motores “fizeram a transição da posição RUN (ligada, considerada normal) para a posição CUTOFF (corte), um depois do outro, com um intervalo de 0,1 segundo”.

O jornal *Hindustan Times* citou o documento e informou que os pilotos tentaram restaurar o fluxo de combustível em questão de segundos. Às 8h08min52s, o motor 1 foi

retornado para a função “RUN”; e o motor 2, quatro segundos depois. “Ambos os motores iniciam sequências de reacendimento, com o motor 1 mostrando sinais de recuperação, mas o tempo e a altitude insuficientes impediram a reinicialização bem-sucedida antes de aeronave cair, às 8h09min11s”, concluiu o relatório.

Diálogo revelador

Os investigadores também concentraram-se na gravação de voz da cabine, registrada em uma das caixas-pretas. “Por que você cortou (o combustível)?”, pergunta um piloto ao outro. “Eu não o fiz”, respondeu o segundo. Foi então que o Boeing 787-8 Dreamliner começou a perder altitude rapidamente. Quando os interruptores retornaram para a posição RUN e as turbinas iniciaram o ganho de potência, um dos pilotos transmitiu o sinal de alerta à torre de controle: “MAYDAY MAYDAY MAYDAY”. O controlador do tráfego aéreo questionou os pilotos sobre o problema, mas era tarde demais. Ao presenciarem o avião cair e explodir, acionaram os serviços de emergência. Agora, os especialistas do comitê de investigação indiano tentam entender o motivo pelo qual os interruptores de fornecimento de combustível foram desligados.

Sam Panthaky/AFP



A cauda da aeronave que fazia o voo Air India 171 ficou presa dentro de alojamento de médicos em Ahmedabad

Piloto aposentado e CEO da Safety Operating Systems (em St. Petersburg, Flórida), John Cox disse ao *Correio* que ficou surpreso com as conclusões iniciais da equipe de investigadores indianos. “Eu aceito a credibilidade do relatório. Nunca tinha

escutado sobre isso ter ocorrido antes”, afirmou, ao referir-se ao desligamento dos interruptores de combustível. “Nesse momento, todas as possibilidades de movimentos dos interruptores estão sendo avaliadas. Nada está sendo descartado”, respondeu, quando

perguntado sobre se acreditava em mau funcionamento da aeronave ou em sabotagem. Ele também disse acreditar que os comentários dos pilotos precisam ser decifrados. “Ainda não temos informações suficientes para compreendê-los.”

Conclusões iniciais

CONHEÇA OS PRINCIPAIS PONTOS DO RELATÓRIO DE INVESTIGAÇÃO

Flaps

Estavam na posição correta, de 5 graus, indicando decolagem.

Trem de pouso

Ambos estavam na posição “DOWN” (abaixada).

Alavancas de empuxo

Ainda que tenham sido encontradas quase em marcha lenta, dados do voo mostram que permaneceram para frente até o impacto — ou seja, na posição correta.

Pássaros

Não foram encontradas evidências de colisão com pássaros durante a decolagem.

Motores

O Motor 1 mostrou sinais de recuperação; o Motor 2 não conseguiu se estabilizar. Depois do corte de combustível, as duas turbinas caíram abaixo da velocidade de marcha lenta.

Caixas-pretas

O gravador de dados de voo ficou muito avariado para a recuperação de informações do voo.

TRAGÉDIA NOS EUA

Trump visita Texas após inundações

O presidente Donald Trump visitou, na tarde de ontem, o Texas, um estado do sul dos Estados Unidos devastado por inundações que causaram a morte de pelo menos 128 pessoas, em um momento em que a resposta das autoridades locais e federais à catástrofe causa polêmica. Trump e sua esposa, Melania, permaneceram algumas horas na região de Kerrville, no centro do Texas, quase uma semana após a catástrofe, enquanto ainda se buscam por mais de 170 pessoas dadas como desaparecidas. Em 4 de julho, chuvas torrenciais provocaram inundações repentinas enquanto muitos moradores

dormiam. O condado de Kerr foi o mais afetado, com 96 vítimas fatais, entre elas, 36 crianças.

Trump rejeitou perguntas sobre o impacto de seus cortes nas agências federais sobre a resposta às inundações, que ele descreveu como uma “catástrofe” que “ninguém esperava”. Ao reunir-se com bombeiros e socorristas, disse que eles fizeram um “trabalho realmente incrível”. “Nunca vi algo como isso. Eu admiro vocês e os considero heróis e heroínas”, declarou. Ao ser questionado sobre as críticas em relação à gestão do desastre, o republicano disse que “tudo o que eles querem fazer é criticar”.

Na quinta-feira, a chefe do Departamento de Segurança Interna (DHS), Kristi Noem, defendeu a resposta ao ocorrido, que ela classificou como “rápida e eficiente”. Mas as mensagens de evacuação e emergência devido ao aumento do Rio Guadalupe foram enviadas com atraso, em alguns casos por várias horas. Trump defendeu a implementação de um sistema de alerta de inundações, com alarmes que seriam ativados “em caso de grandes quantidades de água ou qualquer outra coisa”, disse ele à NBC News em uma entrevista por telefone.

Em entrevista ao *Correio*, a empresária Lorena Guillen — que teve um estacionamento de trailer varrido pelas águas do Rio Guadalupe — afirmou que os empreendimentos afetados não receberam nenhum tipo de ajuda do governo federal. “Tudo o que podemos fazer é buscar um empréstimo”, comentou. “Não sei o que Trump deveria ter feito. Creio que as igrejas locais e as doações direcionadas ao povo e aos negócios atingidos tiveram um impacto mais alto. Trump deveria se livrar da burocracia para acelerar a ajuda financeira.”

Brendan Smialowski/AFP



Donald Trump e a mulher, Melania, cumprimentam socorristas

Conexão diplomática



Por Silvio Queiroz
silvioqueiroz.df@gmail.com

Trump ataca Lula, mas mira o Brics

Não terá sido por acaso que a escalada de Donald Trump contra o governo Lula tenha se produzido na entrada da semana que a encerra. Primeiro, foi uma postagem em rede social condenando a “perseguição política” a Jair Bolsonaro. Por fim, veio o tarifaço. Entre os dois movimentos, outra publicação que dá pistas sobre possíveis motivações de alcance mais longo: a ameaça de guerra comercial contra países que “se alinharem às políticas antiamericanas do Brics”.

Na carta aberta que endereçou a Lula — mas não enviou por canais formais —, o magnata republicano expõe sem rodeios suas razões políticas. À parte o apoio ao aliado e amigo, o presidente menciona processos contra as big techs e “censura ilegal e secreta” do STF.

O timing da Casa Branca sugere que o Brics está na mira. O ataque inicial coincidiu com a abertura da cúpula do bloco, no Rio. A intimidação aos países-membros e parceiros veio em seguida ao encerramento da reunião. E justamente o país sede do encontro, que ocupa até o fim do ano a presidência rotativa do grupo, foi o mais atingido entre os que foram comunicados nos últimos dias das sobretaxas.

Verde que te quero

O eixo da ofensiva do presidente norte-americano contra o Brics é o propósito, declarado e reiterado, de avançar na substituição do dólar por moedas locais, em transações comerciais. Curiosamente, a presidência brasileira fez esforços mais intensos em outras frentes.

Deliberadamente ou não, parece ter optado por levar a “desdolarização” em banho-maria e evitar confronto.

Mesmo assim, tem agora pela frente um contencioso. E a perspectiva de, salvo reviravolta, ver as exportações para os EUA taxadas em 50% a partir de 1o de agosto.

Boca a boca

A cada lance da escaramuça, a linguagem escolhida, de um e de outro lado, ilustra a subida da temperatura.

Trump, como de hábito, não economizou no tom imperial. Desqualificou o Supremo e chamou de “vergonha internacional” o julgamento do ex-presidente por tentativa de golpe de Estado. Sem meias-palavras, determinou que a “caça às bruxas” deve cessar “imediatamente”

— e grafou a palavra em maiúsculas, o que equivale a gritar, no mundo virtual.

Lula contra-atacou, no terreno oficial, usando termos fortes na linguagem diplomática. Instruiu o Itanaraty a convocar, já no início da noite, o encarregado de negócios da embaixada norte-americana — Trump não enviou novo titular. A mensagem foi breve: embora não a tenha recebido por canais formais, o governo brasileiro estava “devolvendo” o documento. Ou seja, não o recebeu, para fins oficiais. O diplomata já tinha sido chamado ao MRE, durante o dia, para explicar a primeira postagem do presidente.

Nas várias declarações que fez a respeito, o presidente brasileiro começou por “desconhecer” uma comunicação de governo a governo, com a gravidade emitida no teor, feita por redes sociais. Nas respostas ao que chamou de “manifestações” do colega sobre o STF e Bolsonaro,

duas frases sintetizam o rechaço a “qualquer interferência” em assuntos internos do Brasil. “Esse país tem dono: é o povo brasileiro”, foi uma. A outra: “Dê palpites na sua vida, não na nossa”.

Rumo ao Pacífico

Compromissos paralelos à cúpula do Rio indicam que, antes mesmo do tarifaço, a política externa traçada por Lula e pelo assessor especial Celso Amorim aponta para o Oriente. Mais especificamente, para o Pacífico.

De volta a Brasília, o presidente recebeu em visitas oficiais o presidente da Indonésia e o premiê da Malásia. Aproveitou para confirmar que estará presente, em outubro, na Cúpula da Asean, bloco que reúne países do Sudeste Asiático. Outro dos integrantes do grupo, o Vietnã, foi representado no Rio pelo chefe de governo, na condição de parceiro do Brics. Lula vem de visitar o país, com importante comitiva empresarial, e firmar uma série de acordos e contratos.